

VARIAÇÕES LEXICAIS NO ALiMA

Conceição de Maria de Araujo Ramos
Universidade Federal do Maranhão

Resumo: *Este artigo examina a relação de lexias que recobrem os conceitos de **grampo**, **borralho**, **soca** e **estrela cadente**, em corpus do Atlas Lingüístico do Maranhão, contrastando as designações encontradas na capital do Estado e na área interiorana.*

Palavras-chave: *léxico; variação lexical; falar maranhense.*

Abstract: *This article examines the relation of lexias that recover the concepts of **staple**, **embers**, “**soca**” and **falling star**, in corpus of the Linguistic Atlas of Maranhão, opposing the designations documented in the state capital and in a countryside area.*

Key-words: *lexicon; lexical variation; maranhense speaking.*

1. INTRODUÇÃO

É inegável o espaço que a pesquisa no campo dialetal vem conquistando no Brasil. Da exortação, ou melhor, da proposta/desiderato de Serafim da Silva Neto, em 1955, – *No Brasil, (...) é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável à pesquisa de campo.* (Silva Neto, 1957, p. 9) – aos dias atuais, esboça-se um quadro que tem evidenciado a urgência e a vitalidade de estudos que documentam e analisam a multidimensionalidade da língua no país.

A mentalidade dialetológica e o ambiente favorável propostos por Serafim da Silva Neto são, hoje, uma realidade, a despeito dos parcos ou mesmo inexistentes financiamentos para pesquisas nesse campo. Os Atlas regionais, publicados e em elaboração, e a gama de trabalhos monográficos diversificados na área dialetal comprovam essa realidade.

É, pois, nesse contexto de descrição da realidade lingüística brasileira, com ênfase no falar do Maranhão, que se insere este trabalho, subsidiário do Atlas Lingüístico do Maranhão – Projeto ALiMA, visto que tem por objetivo examinar a relação de lexias que recobrem os conceitos de **grampo**, **borralho**, **soca** e **estrela cadente**, em dois pontos da rede do ALiMA: São Luís, capital do Estado, e Santa Luzia, o município maranhense onde foram realizados os inquéritos experimentais do Projeto.

Com base nesse *corpus*, estabelecemos um confronto entre as designações desses conceitos documentadas na capital e na área interiorana, buscando examinar aspectos importantes sobre a expansão e o dinamismo do léxico no falar maranhense.

2. LÉXICO, SOCIEDADE E CULTURA: uma relação estreita

A compreensão da estreita relação que se estabelece entre a tríade léxico/sociedade/cultura requer que consideremos, por um lado, a língua em suas características concretas, de uso, no mundo; e, por outro lado, que observemos como seus usuários se situam em e se relacionam com a sociedade da qual fazem parte. Nessa perspectiva, vale lembrar que

A codificação do universo natural pelo homem não é outra coisa senão a visão particular que dele tem, como indivíduo ou como grupo, de forma que esse universo passa a existir

para eles, segundo o modelo com que foi estruturado, e não pela sua natureza intrínseca, física e fisiológica. (Barbosa, 1986, p. 91).

Dessa tensão entre o indivíduo e o grupo (a sociedade), surge o léxico: ... *um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu reflexo*. (Pais, 1994, p. 1331). Isto é, o léxico constitui um *espaço privilegiado* do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano.

Feitas as reflexões acima e tendo em vista que a elas subjaz a idéia de que o léxico varia de acordo com os usuários da língua, em função das questões ora enfocadas, e considerando ainda que os *corpora* dos atlas lingüísticos possibilitam a realização de estudos no campo do léxico, a exemplo deste que ora desenvolvemos, cabe parafrasear Silva Neto (1957, p. 37) e perguntar: *Como exprime a língua de um determinado lugar um dado conceito?* Vejamos o que nos mostram os dados.

3 – O QUE NOS MOSTRAM OS DADOS

Antes de examinarmos os dados, faz-se necessário aclarar algumas questões concernentes aos procedimentos metodológicos e à constituição do *corpus*:

- a) como o Projeto ALiMA tem como um de seus objetivos oferecer materiais resultantes da pesquisa para a confecção do Atlas Lingüístico do Brasil, e como este, por sua vez, define *princípios metodológicos comuns que assegurem uma recolha de dados debaixo dos mesmos parâmetros, passíveis de tratamento coletivo* (Cardoso, 2000, p. 12), o ALiMA segue a mesma metodologia adotada pelo Projeto ALiB;
- b) selecionamos para este estudo os itens lexicais obtidos a partir das respostas dadas às questões de número 31, 47, 172 e 192 do Questionário Semântico Lexical (QSL), as quais recobrem, respectivamente, as seguintes áreas semânticas: astros e tempo, atividades agropastoris, habitação e vestuário e acessórios.

Os quadro abaixo apresentam os resultados obtidos para cada pergunta do QSL.

QUADRO 1

Lexias que recobrem o conceito de *estrela cadente*

| Lexias | Localidades em que se encontram | |
|---------------------------------|---------------------------------|-------------|
| | São Luís | Santa Luzia |
| estrela cadente | • | • |
| estrela d'alva ~ estrela dávila | • | • |
| estrela brilhante | — | • |
| estrela se mudando | — | • |
| sete-estrela | — | • |
| vape | — | • |

No Quadro 1, merecem um comentário, por um lado, a ocorrência da expressão *estrela se mudando*, documentada aqui apenas em Santa Luzia, mas registrada em quatro das vinte e cinco localidades do Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB (cf. Mota, 1999, p. 25). Por outro lado, a forma *vape*, que, supomos, encontra motivação na associação que faz o falante entre o movimento rápido do astro e a

imitação de um golpe (movimento) rápido representada pela onomatopéia *vapt* ou *vapt-vupt*.

QUADRO 2
Lexias que recobrem o conceito de *soca*

| Lexias | Localidades em que se encontram | |
|---------|---------------------------------|-------------|
| | São Luís | Santa Luzia |
| soca | — | • |
| palhada | — | • |

No que diz respeito à questão referente ao conteúdo *pequena parte que fica no chão depois que se corta o pé de arroz ou de fumo*, verificamos que, apenas na área interiorana, uma das lexias esperadas como resposta (*soca*) ocorreu imediatamente. A diferença das respostas entre as duas áreas investigadas encontra explicação no próprio universo sócio-lingüístico-cultural e laboral do informante. Na zona interiorana, como vimos, a resposta foi imediata: em Santa Luzia, o cultivo do arroz representa uma das principais atividades agrícolas do município. Daí, também, a existência de outra lexia – *palhada* – que concorre com *soca*. *Palhada*, forma dicionarizada (cf. Aulete, 1980, e Ferreira, 1999), apresenta várias acepções e, registrada como brasileirismo do Sul e Sudeste, aparece como sinônimo de *tigüera*, para designar “a roça de milho ou de outras plantações anuais depois de efetuada a colheita.

Na capital, como mostra o Quadro 2, onde a agricultura não é uma atividade expressiva, registramos, tanto entre informantes universitário quanto entre informantes com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental, a não resposta eo desconhecimento da lexia *soca*. *Touceira*, a outra lexia esperada como resposta, é conhecida, porém identificada como sinônimo de *moita*.

O Quadro 3, abaixo, apresenta o rol de designações para *grampo* e, como os Quadro 1 e 2, evidencia a presença de maiores dados na zona interiorana.

QUADRO 3
Lexias que recobrem o conceito de *grampo*

| Lexias | Localidades em que se encontram | |
|-----------|---------------------------------|-------------|
| | São Luís | Santa Luzia |
| grampo | • | • |
| presilha | — | • |
| grampinha | — | • |

Com relação às designações para *grampo*, documentadas em Santa Luzia, convém observar o seguinte:

- a) *presilha* – é uma forma dicionarizada que apresenta, entre outras, a acepção de “peça dotada de fecho apropriado para prender o cabelo”, como registra Ferreira (1999);
- b) *grampinha* – Aulete (1980) e Cunha (1996) registram a forma *grampa* na acepção “instrumento náutico que serve para apertar por meio de roscas e parafusos”. Ferreira (1999), por sua vez, registra também essa forma com a mesma acepção e a ela acresce mais outra: “gancho para o cabelo”.

O exame das formas *grampa* e *grampinha* permite-nos inferir que o informante, usando um recurso fornecido pelo próprio sistema lingüístico do português (o processo de sufixação), gera uma designação, motivada, para o conteúdo solicitado.

Vejam, agora, a questão referente ao conteúdo *cinza quente que fica dentro do fogão a lenha*, apresentado no quadro abaixo.

QUADRO 4
Lexias que recobrem o conceito de *borralho*

| Lexias | Localidades em que se encontram | |
|----------|---------------------------------|-------------|
| | São Luís | Santa Luzia |
| borralho | — | • |
| cinza | • | — |
| pó | — | • |

Também nesta questão, somente na zona interiorana ocorreu a lexia esperada como resposta (*borralho*), o que ratifica a idéia da relação léxico/sociedade/cultura. Convém lembrar que *fogão a lenha* ainda faz parte do universo cultural de Santa Luzia, mas não o faz do de São Luís. Na capital, quando perguntados diretamente por *borralho*, alguns informantes lembraram velhas histórias da infância, como nos disse um deles, ao rememorar a história da *Gata Borralheira*.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise que realizamos nos dá suporte para retomarmos a pergunta de Serafim da Silva Neto, mencionada anteriormente, e para tentar respondê-la do seguinte modo: cada indivíduo, cada grupo humano codifica o universo a partir de seus sistemas de valores, sua visão de mundo, sua ideologia e suas práticas sociais e culturais. O léxico é um reflexo da inter-relação de todos esses elementos.

Por outro lado, é importante observar que o léxico da região interiorana apresenta maiores dados. Nessa área, mais distante da busca dos ideais de perfeição lingüística e da ação coercitiva e monitora da escola, o polimorfismo lingüístico se faz mais presente.

Esta breve fotografia do falar maranhense nos leva a ratificar a idéia de que é preciso prosseguir com o trabalho dos atlas lingüísticos, porque, como disse Alvar (1958, p. 85), *...As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido.*

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Manuel. Diferencias en el habla de hombres y mujeres. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 121, 1958.

_____ et al. *Estudios sobre variación lingüística*. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 1990.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. *Revista do GELNE*, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 53-59, 2000.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: DELTA, 1980.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro et al.. *Manual de lingüística*. São Paulo, 1986, p. 81-125.

CARDOSO, Suzana Maria Marcelino. (Coord.). *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. (Instituto de Letras). 2000. Projeto em andamento.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOTA, Jacyra. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. *Revista do GELNE*, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 25-31, 1999.

PAIS, Cidmar Teodoro. Da semântica cognitiva à semiótica das culturas. In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. 1994, Caxambú. *Anais...* João Pessoa: ANPOLL. 1995. p. 1325-1336.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. (Coord.). *Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão/Faculdade Atenas maranhense. (Departamento de Letras e Geociências). 60 p. Projeto em Andamento.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1957.